

## **PAISAGEM CULTURAL EM DIAMANTINA, MG: UM ESTUDO SOBRE PATRIMÔNIO E TOPOFILIA**

Mariana Lacerda<sup>1</sup>  
Altair Sancho  
Rose Pena  
José Antônio Deus

### **Resumo**

O Barroco compreende amplo fenômeno associado à arte, à vida e à história dos séculos XVII e XVIII. No Brasil, mais especificamente no estado de Minas Gerais, o barroco assumiu características próprias, passando a constituir não somente um estilo artístico e arquitetônico, mas uma forma de enxergar e compreender o mundo, diretamente associado à origem da cultura mineira. Diamantina, cidade colonial mineira reúne significativo acervo histórico e cultural barroco, o que justificou seu reconhecimento, em 1999, como Patrimônio Mundial pela UNESCO. Inspirado nas reflexões sobre paisagem, patrimônio e identidade, este trabalho visa investigar o sentimento da população local em relação ao patrimônio da cidade de Diamantina. Para cumprir tal objetivo, foi realizada pesquisa teórica sobre barroco, paisagem, mineiridade, topofilia e topofobia e, pesquisa empírica, através de entrevistas semi-estruturadas com 40 moradores de diferentes regiões da cidade. De maneira geral, a população manifesta sentimento topofílico em relação à cidade, mas demonstra certo distanciamento em relação ao patrimônio. Apesar de reconhecerem sua importância, os entrevistados expressam ressentimento em relação à valorização do centro histórico para o uso turístico em detrimento a iniciativas que aproximem o patrimônio da população, estimulando sua capacidade em valorizá-lo.

**Palavras-chave:** Patrimônio, Identidade, Barroco, Diamantina (MG).

---

<sup>1</sup>Professora Assistente, Curso de Turismo. Instituto de Geociências/UFMG. Email: mirilacerda@gmail.com

## **Abstract**

The Baroque comprises wide phenomenon associated with the art, life and history of the seventeenth and eighteenth centuries. In Brazil, more specifically in the state of Minas Gerais, the baroque own characteristics and therefore became not only an architectural and artistic style, but a way of seeing and understanding the world, directly associated with the rise of mining culture. Diamantina, a brazilian colonial town brings significant historical and cultural Baroque, which justified its recognition in 1999 as World Heritage by UNESCO. Inspired by the reflections on landscape, heritage and identity, this work aims to investigate the feeling of the local population in relation to the heritage of the city of Diamantina. To achieve this aim, a theoretical research was carried out on baroque landscape, identity of Minas Gerais, topophilia and topophobia. Empirical research was also carried out, using semi-structured interviews with 40 residents from different neighborhoods. In general, the population expresses topophilia feeling for the city, although demonstrates a certain distance from the heritage. While recognizing its importance, the respondents expressed resentment toward the appreciation of the historical center for tourist use on detriment of initiatives that come near the heritage and its people, stimulating their ability to appreciate it. **Palavras-chave:** Heritage, Identity, Baroque, Diamantina (MG).

## **Introdução**

O interesse pela paisagem como um bem patrimonial existe, no Brasil, desde a institucionalização da preservação do patrimônio, em 1937, contudo o termo paisagem nem sempre foi utilizado de forma clara. Em 1992, a noção de paisagem cultural passou a ser incorporada pela UNESCO como uma das categorias para classificação do patrimônio mundial. Esta iniciativa constitui o primeiro instrumento legal internacional que propõe a superação da abordagem conferida até então ao conceito de patrimônio, ou seja, a partir deste momento, a priorização de bens patrimoniais considerados “notáveis” e a idéia de distanciamento e separação de cultura e natureza, começam a ser superadas. As discussões nesse sentido evidenciam a importância de se considerar as interações e relações significativas entre o homem e o meio ambiente, numa perspectiva abrangente, que privilegia os aspectos materiais e simbólicos no processo de apropriação territorial.

Nessa direção, a paisagem cultural, para as políticas de patrimônio conduzidas pela UNESCO, está diretamente relacionada ao significado atribuído pelas populações, ou seja, aos sentimentos topofílicos e topofóbicos incidentes. Tal perspectiva dialoga com o conceito de lugar desenvolvido pela geografia humanista, considerado como uma categoria conceitual de análise que se refere essencialmente ao espaço tal como ele é vivenciado pelos seres humanos.

As perspectivas de análise da paisagem cultural, oriundas tanto das correntes teóricas do pensamento geográfico quanto das proposições conceituais de cunho operacional, utilizadas pela UNESCO, norteiam o presente estudo, cujo objetivo consiste em investigar o sentimento dos diamantinenses em relação ao patrimônio barroco e à percepção a respeito da paisagem que o abriga, incluindo a Serra dos Cristais, em primeiro lugar, e a Serra do Espinhaço. Para a UNESCO, o caso de Diamantina foi uma das primeiras aproximações com o tema da paisagem cultural, justamente pela articulação da cidade com a Serra dos Cristais. Contudo, o reconhecimento do acervo histórico e cultural como Patrimônio Mundial em 1999, recaiu apenas sobre parte do sítio urbano, muito embora as relações do homem com a natureza tenham criado um patrimônio único na região.

A paisagem barroca mineira, em especial na cidade de Diamantina, constitui um excelente pano de fundo para este tipo de análise, já que o barroco mineiro representa uma rica e importante manifestação cultural, diretamente associada ao contexto natural da Serra do Espinhaço. A riqueza das terras diamantíferas determinou o modo de ocupação espacial que originou elementos singulares do barroco colonial ainda presentes no imaginário e nas práticas cotidianas de muitos mineiros como a arquitetura, o gosto pelas artes, a religiosidade, as festas e celebrações.

Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa teórica sobre patrimônio barroco, paisagem, mineiridade, topofilia e topofobia. Com base no referencial teórico norteador, foi possível identificar alguns parâmetros para a compreensão do sentimento dos diamantinenses em relação ao patrimônio barroco: a) entendimento sobre o conceito de barroco; b) identificação de construções barrocas e sua caracterização como lugares atraentes/valorizados; c) sentimentos topofílicos em relação à Diamantina; d) preferência em residir em outra cidade; e) barroco como elemento da cultura mineira; f) barroco como atrativo turístico; g) festas e barroco. Tais parâmetros subsidiaram a

pesquisa empírica, que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com 40 moradores de três áreas distintas da cidade: a área central histórica, onde se concentra a maior parte das igrejas e do casario barroco; o bairro Rio Grande e o Largo Dom João, locais periféricos, que guardam poucos vestígios barrocos do período colonial.

### **A paisagem cultural e a geografia**

A fundação da tradição do estudo da paisagem na geografia está relacionada ao explorador alemão Humboldt (1769 – 1859), que inspirou o olhar sobre a fisionomia natural de determinadas porções da terra. Nos primórdios, a paisagem era entendida como a imagem da natureza em seu caráter totalizante, influenciando os trabalhos da geografia clássica, institucionalizada academicamente no final do século XIX. A definição da paisagem como um conceito formal da geografia moderna emerge no final do século XIX e início do século XX na Alemanha, com Otto Schutler (1872-1959) e Siegfried Passarge (1866 – 1958), interessados na investigação sobre os elementos que compõem a paisagem e nos mecanismos de transformação da paisagem natural em paisagem cultural (CORREA, 1995). Para Winter Ribeiro (2007), esses autores clássicos da geografia são especialmente relevantes por terem formado uma base teórica e metodológica sobre a qual os aspectos culturais poderiam ser estudados cientificamente, mas foi somente nos Estados Unidos que a geografia cultural ganhou o *status* de um sub-campo independente dentro da disciplina geográfica. Fortemente influenciado pela geografia alemã, o americano Carl Sauer (1889-1975) fez com que a paisagem ganhasse lugar de destaque, incorporando os conceitos de paisagem natural e paisagem cultural. Contudo, Sauer, assim como os geógrafos clássicos alemães, considerava que o estudo da paisagem deveria ser restrito essencialmente aos aspectos visíveis, excluindo assim todos os fatos não-materiais da atividade humana. Sauer influenciou a escola geográfica do oeste americano, em especial a Escola de Berkeley, que permanece ativa ainda hoje. Ribeiro (*op cit*) esclarece que uma das críticas mais contundentes ao trabalho de Sauer veio a partir do trabalho de Richard Hartshorne, em 1939 e, estava ligada, entre outras coisas, à dicotomia acentuada aí existente na distinção entre a paisagem natural e a paisagem cultural. A limitação do estudo da paisagem somente aos aspectos materiais e visíveis também é fortemente criticada e vista como limitadora do trabalho do geógrafo (*op cit*). As críticas ao trabalho de Sauer

influenciaram a renovação da geografia cultural. Apesar desta nova abordagem repudiar boa parte da metodologia utilizada por Sauer, os autores da nova geografia cultural reconhecem a relevância de seu trabalho no sentido de consolidar a noção de paisagem como um conceito científico.

O final da década de 1960 foi marcado pelo movimento de ruptura com o positivismo, o que gerou uma maior aproximação da geografia com as filosofias ligadas ao humanismo. Isso fez emergir uma nova corrente que se intitulava “geografia humanista”, que refutava a geografia cultural tradicional. Este movimento influenciou fortemente a forma como os geógrafos concebiam o conceito de paisagem, pois

*ao negar a existência de um mundo unicamente objetivo que pudesse ser estudado conforme o método positivista, a paisagem é introjetada no sistema de valores humanos, definindo relacionamentos complexos entre as atitudes e a percepção sobre o meio (RIBEIRO, 2007. p.24).*

Neste momento, se destacam autores como David Lowenthal e Yi-Fu Tuan que estabelecem uma interessante aproximação entre os conceitos de lugar e paisagem. Tuan chegou a desenvolver a noção de topofilia como o sentimento de afeição das pessoas pelo lugar e a sua percepção do ambiente vivido (TUAN, 1980). Segundo Tuan (1983), o sentido de lugar é demonstrado quando as pessoas aplicam seu discernimento moral e estético aos sítios e localizações “mas para que se constituam efetivamente em lugares é necessário um longo tempo de residência e um profundo envolvimento emocional”. Desta maneira, os lugares transformam-se no que Relph definiu como “espaço vivido” ou “espaço existencial”, ou no que Buttner denominou “mundo vivido”, sendo que este exprime uma relação existencial que o indivíduo estabelece com os lugares, refletindo seu pertencimento a um determinado grupo, num determinado lugar (FERREIRA, 2000, p. 67).

Outro aspecto a ser destacado com relação ao lugar são suas duas características principais: a identidade e a estabilidade. A primeira característica provém das intenções e experiências intersubjetivas, que resultam da familiaridade (HOLZER, 1999); para que tal identidade se forme, as ligações com o lugar iniciam-se no nosso nascimento, aprofundando-se com a experiência (TUAN, 1983). As ligações com o lugar implicam um conhecimento detalhado do mesmo e na constituição de raízes, de um centro de

significados que se torne insubstituível. A estabilidade assemelha-se à convivência temporal prolongada e é uma relação entre tempo e lugar, ou seja, é preciso que se pare no tempo para a fruição do lugar, “a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (op cit).

Entretanto, atualmente, a vivência no espaço, como aspecto essencial para a construção de um sentimento topofílico com relação ao lugar, tem sido prejudicada por diversos fatores. Excesso de trabalho e reduzido tempo de lazer, redução do poder aquisitivo e privatização dos tempos e espaços de lazer, ação reduzida do poder público como facilitador da inclusão espacial, social, econômica e política dos cidadãos na vida da cidade, dentre outros. Neste contexto desenvolve-se uma “distância afetiva” (FRÉMONT, 1982 *apud* HOLZER, 1999) entre indivíduos e seu espaço de vivência e nas suas relações interpessoais, podendo ser entendido como consequência de um processo de exclusão social.

Após o movimento da geografia humanista, na década de 80, um novo grupo de autores, apesar de não estar alinhado a esta corrente de pensamento, se preocupou em incorporar como um dos focos de análise, a simbologia da paisagem. Esses autores refutaram o postulado de Sauer e passaram a chamar o legado da Escola de Berkeley como “Geografia Cultural Tradicional”, enquanto classificaram seu trabalho como a “Nova Geografia Cultural”. Dentre as diferentes metodologias e aportes teóricos que surgem nesta época, Montana e Soderstrom identificam a metáfora da cultura e da paisagem como um texto, ou seja, em um contexto de reformulação não positivista, seria preciso ter em conta a dimensão do sentido, na medida em que essa analogia apresenta a paisagem como uma espécie de documento de interpretação instável, aberta a múltiplas interpretações (MONDANA; SODERSTROM, 1993 *apud* RIBEIRO, 2007).

Dentre as interpretações da simbologia da paisagem, surge uma abordagem de fundo marxista, na qual Denis Cosgrove pode ser identificado como um de seus principais representantes. Para este autor, a paisagem deve ser apreendida por seus aspectos simbólicos, mas, diferentemente dos autores ligados à escola humanista, Cosgrove afirma que estes aspectos são gerados pelos meios de produção de uma sociedade. Uma vez que as sociedades são divididas em classe, casta, sexo, idade ou etnicidade, uma posição diferente na sociedade significa uma experiência e consciência diferentes, até certo ponto uma cultura diferente dotada de simbologias próprias.

Haveria, portanto, culturas subdominantes ou alternativas dentro de uma cultura dominante. Cosgrove (1998) explica que um grupo dominante procura impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições tomadas como verdadeiras. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura e a dominação é melhor concretizada quando parece simplesmente como senso comum, ocultando, desta forma, visões de mundo diferenciadas e até antagônicas. Ao mesmo tempo, Cosgrove (*op cit*) aponta a existência de culturas subdominantes, divididas historicamente como residuais (que sobram do passado), emergentes (que antecipam o futuro) e excluídas (que são ativas ou passivamente suprimidas), como as culturas do crime, drogas ou grupos religiosos marginais. Para o autor, cada uma dessas subculturas encontra alguma expressão na paisagem, todas elas inseridas na noção de paisagem cultural.

No caso específico deste estudo, será direcionado um olhar para a paisagem cultural barroca oitocentista da cidade de Diamantina, MG, um exemplo típico de paisagem residual, já que ostenta, “ainda hoje, quase intocada, a paisagem própria do século XVIII” (ÁVILA, GONTIJO E MACHADO, 1996). Naquele período, esta paisagem cultural barroca refletia os valores de uma elite cultural hegemônica, cuja riqueza acumulada em virtude da exploração do diamante, é resultado do refinamento dos costumes, gostos e padrões e pelo estilo arquitetônico de Diamantina. Por esse motivo, pode-se afirmar que este processo de ocupação espacial gerou, naquele período histórico do ciclo da mineração, uma paisagem dominante. Em virtude de sua relevância histórica, artística e cultural, justificou seu reconhecimento como patrimônio histórico nacional, o que propiciou o tombamento de diversas edificações, mantendo preservado até os dias atuais, esta paisagem, hoje residual.

### **Barroco e cultura mineira**

O Barroco teve suas origens na Itália, no início do século XVII, e estendeu-se pela Europa e América Latina, durante o século XVIII, compreendendo um amplo fenômeno associado à arte, à vida e à história<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Considerada uma manifestação visual e estética, ou um estilo, a arte barroca se caracteriza pelo abandono das normas e convenções, da geometria elementar e da simetria; as fachadas são ondulantes e decoradas com esculturas, há uso de pilastras e o interior é repleto de madeira entalhada recoberta de dourado. Linhas diagonais e escadas dão movimento e altura às construções, representadas, especialmente, por Igrejas e edifícios públicos (PINTO, 2006). O Barroco esteve vinculado também a

Segundo Castro & Deus (2009), distribuído por um espaço geográfico muito amplo – compreendendo Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha, México, Brasil, dentre outros países – o estilo evoluiu diferentemente em cada lugar, assumindo dinâmica própria, o que resultou em formas e modelos particulares e originais em cada região. No Brasil, o estilo barroco chegou com as missões da Companhia de Jesus, fortemente associado à religião católica, resultando na construção de inúmeras igrejas e capelas em diversas localidades do território brasileiro. Segundo PINTO (2006. p. 18), “a igreja católica espalhava-se pelo território através de freguesias e paróquias. Em todos os cantos, das grandes vilas aos pequenos povoados, encontram-se igrejas e capelas, geralmente construídas com o dinheiro dos fiéis”. Também foram construídos inúmeros edifícios públicos, como cadeias, câmaras municipais, chafarizes, com traços e características barrocas.

No caso específico de Minas Gerais, o barroco assumiu características próprias em relação aos modelos portugueses e litorâneos, passando a constituir não somente um estilo artístico e arquitetônico, mas uma forma de enxergar e compreender o mundo, diretamente associado à origem da cultura mineira. Carsalade (2003) ressalta que o processo de colonização e ocupação territorial da região das minas esteve intimamente vinculado às expressões e estilos barrocos: “a origem do povo mineiro se liga nos valores associados à cultura barroca, criando uma forte relação de identidade entre eles, a ponto de se representar o Estado e sua gente pelos ícones e imagens ligados ao Barroco”. Este forte traço de regionalismo, intrínseco ao Barroco Mineiro, se explica também pela distância do litoral e pelas dificuldades de importação de matérias e técnicas de construção do Barroco Ibérico<sup>3</sup>. Tal contexto conferiu originalidade à arte barroca em Minas. Os artistas da época trabalhavam a partir das condições materiais da região, adaptando os ideais artísticos à sua vivência cotidiana.

Além disso, estes “artistas” mineiros se diferenciavam dos artistas renascentistas, por não integrarem, necessariamente, a classe dos nobres e intelectuais. Na renascença, a estes, cabia a perícia da invenção, do projeto e, portanto, da autoria da

---

movimentos religiosos e políticos, considerado uma estratégia de propagação da fé cristã católica na Contra-Reforma, um movimento de reação ao crescimento do protestantismo.

<sup>3</sup> A despeito da origem européia e dos notórios vínculos com o catolicismo da Contra-Reforma, o nosso Barroco não foi apenas um produto imitativo. Foi executado por gente da Terra, em geral, mestiços e com materiais locais, principalmente, no século XVIII mineiro, a pedra-sabão (LOPEZ, 1981:61).



obra, ao passo que a execução material representava aspecto secundário, de responsabilidade de artífices e artesãos. Já em Minas, artista, artesão e artífice permanecem sujeitos indistintos, cabendo-lhes todo o processo artístico<sup>4</sup>. Assim, um aspecto marcante no barroco mineiro é a ausência de escolas ou tradições artísticas; houve, na verdade, um afluxo de mestres de obras e oficiais provenientes de Portugal, propiciando o contato entre técnicas artísticas de origem culta e popular, o que conferiu a este estilo aqui, traços singulares. Talvez por essa proximidade ao “*saber fazer*” dos mineiros e de uma perspectiva mais “cotidiana”, a arte barroca esteja tão ligada às origens da cultura mineira.

Outro elemento que explicita a relação do barroco e da cultura mineira é a religiosidade. Como aconteceu em outras regiões do Brasil, a arte barroca constituiu uma estratégia da igreja católica diante da emergência do protestantismo, e visava “ofuscar os sentidos, afirmar o esplendor divino, conquistar a alma e maravilhar e extasiar os fiéis” (PINTO, 2006. p.20). Mas, Castro & Deus (2009) ressaltam que esta religiosidade era pouco ortodoxa; em Minas Gerais, sociedade e religião não constituíam instâncias separadas. Para estes autores “a cultura barroca mineira é um mesclado a um só tempo, do sagrado e do profano, no qual a morte e as preocupações com a salvação da alma ocupam um lugar central”. Citam as celebrações/festividades como acontecimentos que retratavam tal característica:

*as celebrações cívicas eram anunciadas por cortejos mascarados ao som de músicas e, mesmo nas festas religiosas, as procissões eram seguidas de espetáculos pirotécnicos, encenações teatrais, bailes, jogos de destreza a cavalo ou corridas de touro. Ao revisitarmos nossa história religiosa, católica e centro da própria vida dos séculos XVII e XVIII, percebemos que foi ali que nasceu esse universo sagrado e profano que faz a nossa cultura tão singular e original (Castro & Deus, 2009. p. 06).*

Cumprir mencionar ainda, a presença das Irmandades, associações de leigos (composta por brancos, mulatos ou negros) responsáveis pelo estabelecimento e a

---

<sup>4</sup> Como exemplo, pode-se citar os dois maiores representantes da arte barroca mineira: Antônio Francisco Lisboa - *Aleijadinho* – e Manoel da Costa Ataíde, que, segundo Pífano (1998), eram “exceções dentre os artesãos coloniais pelo simples fato de conhecerem o alfabeto”.

manutenção do culto religioso. Eram locais onde as pessoas se reuniam, cantavam e aliviavam suas tristezas e sofrimentos, representando um espaço de expressão cultural dos grupos, sobretudo, marginalizados. Segundo Botelho & Reis (2003), os escravos realizavam os rituais de Reisado e Congado, característicos da cultura africana e que, atualmente, constituem uma das mais importantes expressões da religiosidade e da cultura afro-brasileira presentes em Minas Gerais.

Em síntese, o barroco mineiro representou uma rica e importante manifestação cultural, estando intrinsecamente relacionado à identidade nacional, constituindo um dos pilares do processo de formação da cultura mineira.

### **Paisagem cultural e barroco em diamantina**

O processo de ocupação e formação histórica de Diamantina está diretamente vinculado à descoberta de diamantes no início do século XVIII. A presença secular do garimpo de diamantes se irradiou por toda a região de Diamantina, o que condicionou fortemente a formação histórica e a visão de mundo das pessoas aí domiciliadas. Da mesma forma, a exploração do diamante modelou a paisagens da Serra do Espinhaço e financiou a arte e arquitetura barrocas. Segundo Lemos (2008), a formação urbana do arraial do Tejuco e as características arquitetônicas das construções fundaram-se nesse sincretismo cultural. Desse fato, resultou uma estratificação étnica que, aliada às questões sociopolíticas e às condições do meio ambiente físico, definiu a originalidade da paisagem arquitetônica do século XVIII.

A paisagem de Diamantina é fortemente condicionada pela Serra do Espinhaço, uma imponente sequência de serras que se estende por aproximadamente mil quilômetros entre Minas Gerais e o estado da Bahia. Em função de sua gênese e evolução, esta sequência de serras é considerada como um marco na história da mineração brasileira em razão dos inúmeros sítios geológicos considerados de fundamental importância para a história do diamante (CHAVES, 2002). A evolução geológica da Serra do Espinhaço ao longo dos milhões de anos acabou por criar uma paisagem arrebatadora. A exótica combinação paisagística é resultado de um ambiente aberto, pouco sombreado, com altitudes acima de mil metros onde os afloramentos rochosos são permeados pela vegetação típica do cerrado e dos campos rupestres (GOULART, 2000). Este contexto físico, associado à riqueza oriunda dos depósitos

diamantíferos influenciou o processo de ocupação territorial de Diamantina, bem como da estruturação de seu acervo religioso, artístico e arquitetônico, “dando-lhe o caráter de uma autêntica escola regional no quadro mais amplo da arquitetura religiosa mineira do período colonial” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 1995. p.266). No início do processo de ocupação de Diamantina, as construções eram simples, principalmente de taipa, os espaços públicos e privados eram improvisados e provisórios. Com o crescimento da produção do diamante, “houve significativa ascensão econômica e crescimento urbano que contribuíram para a construção da imponente e rica cidade representada pelos casarões residenciais, edifícios de uso público, fontes d’água, igrejas de arquitetura de estilo barroco” (RAYEL, 2010:02). “A riqueza gerou uma sociedade sofisticada, amante das boas construções, religiosa e afeita às artes” (SOUZA, 1999). No âmbito desse rico acervo patrimonial, destacam-se Mercado dos Tropeiros (atual Mercado Municipal), a Biblioteca Pública, o prédio da prefeitura (antiga Casa da Intendência), o Museu do Diamante, a Casa de Chica da Silva, a Casa da Glória e diversas igrejas, conforme figuras abaixo.



Figura 01 - Museu do Diamante



Figura 02 - Casa da Glória



Figura 03 - Mercado Velho



Figura 04 - Casa Chica da Silva



Figura 05 - Igreja São Francisco de Assis



Figura 06 - Festa do Divino

A relevância do conjunto arquitetônico e artístico de Diamantina, concentrado, sobretudo, no seu centro histórico, justificou, ainda em 1938, o título de Patrimônio Histórico, através do processo de tombamento declarado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); e, em 1999, a partir de um processo de mobilização de diferentes órgãos e movimentos da sociedade civil, a cidade recebeu o

título de Patrimônio Cultural Mundial, concedido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO). Além deste rico e preservado patrimônio arquitetônico, representado pelo casario de inspiração barroca, pelas igrejas seculares, Diamantina possui também significativas manifestações culturais oriundas desse período, representadas pela religiosidade, culinária, música e artesanato, com destaque para as festas do Divino e do Rosário, que ainda hoje são comemoradas dentro da antiga tradição. Já o carnaval e as vespertinas constituem expressões culturais contemporâneas de forte apelo turístico.

### **Apresentação e análise dos dados**

A partir das reflexões sobre paisagem cultural, espaço vivido e barroco mineiro, foi realizada uma pesquisa de campo na cidade de Diamantina com o intuito de investigar a percepção da população local em relação ao patrimônio barroco. Foram realizadas 40 entrevistas semi-estruturadas, em três áreas distintas do município: o Centro Histórico, onde se concentra a maior parte das igrejas e do casario barroco; e os bairros Rio Grande e Largo Dom João, bairros periféricos, que guardam poucos vestígios barrocos do período colonial. A seguir, são apresentados os resultados destas entrevistas, com base nos parâmetros de análise norteadores da pesquisa: a) entendimento sobre o conceito de barroco; b) identificação de construções barrocas e sua caracterização como lugares atraentes/valorizados; c) sentimentos topofílicos em relação à Diamantina; d) preferência em residir em outra cidade; e) barroco como elemento da cultura mineira; f) barroco como atrativo turístico; g) festas e barroco.

Durante a realização das entrevistas um número reduzido de pessoas (21%) manifestou desconhecimento ou desinteresse pela temática do barroco. Por outro lado, a grande maioria dos entrevistados (79%) afirmou reconhecer o conceito de Barroco, porém apresentaram grande dificuldade em defini-lo. As respostas, de modo geral, permearam duas linhas de entendimento do barroco: uma relacionada a “*coisas antigas*”, “*construções*”, “*arquitetura das igrejas e edifícios*” e, uma segunda linha de pensamento, considerou o barroco como uma “*manifestação artística*”, relacionada à arte, pintura, literatura, música e escultura. Vale ressaltar que apenas um entrevistado considerou o barroco como uma visão de mundo, relacionada a uma cultura. Considerações a respeito dos aspectos simbólicos do barroco relacionados à cultura

mineira, como a fé e a religiosidade, foram pouco frequentes. Portanto, o entendimento sobre o barroco limitou-se ao reconhecimento dos seus aspectos materiais, sobretudo arquitetônicos.

Este reconhecimento a respeito das construções barrocas, sobretudo igrejas e o casario, se concretizou no âmbito do conjunto arquitetônico da cidade, sem denominação de edificações barrocas específicas. As poucas edificações citadas pelos entrevistados foram Casa de Chica da Silva e as igrejas de São Francisco, do Rosário e do Carmo. Para a maioria dos entrevistados, as construções nomeadas despertam a curiosidade “por serem antigas”, por retratarem “acontecimentos da cidade” e por representarem “aspectos históricos”, ou ainda, pelas suas características arquitetônicas e artísticas, manifestando “beleza e riqueza nas ornamentações”, características típicas do barroco. Também foram apreendidas percepções que destacam o reconhecimento em virtude da valorização do patrimônio “pelas pessoas de fora”. Vale ressaltar ainda que apenas um morador afirmou não se identificar com as construções barrocas porque como elas fazem parte de seu cotidiano, tornam, para ele, “paisagens corriqueiras”. Uma interpretação possível deste depoimento pode também evidenciar uma intimidade, uma identificação com a paisagem cultural barroca, ao ponto desta não lhe causar estranhamento.

Quando indagados a respeito da valorização e do poder de atração das construções barrocas, a maioria dos entrevistados (72,5%) afirmou que são atraentes e valorizadas por serem “bonitas e bem cuidadas”, “por repercutirem a história”, “por serem protegidas como patrimônio” e “por chamarem atenção de turistas”. Ao mesmo tempo, houve um número considerável (27,5%) de respostas de duplo sentido, ressaltando que tais locais são valorizados, mas em especial pelas pessoas de fora, emergindo aí um sentimento topofóbico com o barroco, acentuado pelo ressentimento frente ao turismo. Este sentimento de aversão justifica-se tanto pelas restrições impostas pela legislação patrimonial (que restringem reformas e alterações das propriedades privadas), o que foi apontado por um entrevistado como a “maldição do patrimônio”; quanto pelo sentimento de exclusão por parte dos moradores: “a programação cultural e os locais excluem a população local, são para turistas”. Este é um aspecto preocupante na medida em que as políticas de valorização de áreas centrais e sítios históricos podem ocasionar segregação socioespacial ao recuperarem os bens

patrimoniais com finalidades prioritariamente turísticas, esquecendo-se, entretanto, de empreender iniciativas capazes de aproximá-los da população residente.

Apesar disso, os entrevistados, na grande maioria (72,5%), demonstraram sentimentos de alegria e satisfação em morar em Diamantina, em virtude de aspectos sociais, “*por ser um lugar tranquilo*”, “*aconchegante*”, “*sem violência*”, “*sem problemas de trânsito*” e por vínculos pessoais, apontando a cidade como o local de nascimento, de presença da família e dos amigos. Vale ressaltar que alguns entrevistados, residentes no centro histórico, manifestaram orgulho em residir em uma cidade “*histórica*”, “*chamativa*”, “*turística*”. Por outro lado, o *status* de cidade histórica não é considerado por alguns moradores da periferia de Diamantina, não sendo mencionado como justificativa pelo sentimento positivo de viver na cidade. Este é um aspecto que demonstra a “distância afetiva” – termo utilizado por Frémont (1992), já mencionado anteriormente – entre indivíduos e seu espaço de vivência, podendo ser entendido como conseqüência de um processo de exclusão social. Uma pequena parcela dos entrevistados (15%) destacou aspectos negativos da cidade, como “*desemprego*”, “*limitações para construções e reformas*”, “*calçamento*”, “*falta de equipamentos culturais e opções de lazer*”, “*supervalorização do centro histórico e dos turistas em detrimento dos moradores*”. Novamente vem à tona o sentimento de insatisfação com as restrições impostas à população local pela legislação patrimonial. Vemos aqui a oportunidade de investimento em políticas de educação patrimonial que promovam a interação dos bens culturais com as pessoas, mostrando que os ônus decorrentes da preservação do casario colonial podem ser superados pelo benefício da manutenção de um bem coletivo. Um maior entendimento sobre a importância da preservação do barroco para a identidade mineira e nacional poderia amenizar esta situação. Ao mesmo tempo percebe-se que o patrimônio não tem sido alvo de ações culturais de lazer para a população. As iniciativas de promoção cultural voltadas para lazer e entretenimento estão concentradas no centro histórico e direcionadas, sobretudo, aos turistas, como é o caso da Vesperata.

Quando perguntados sobre o interesse em se mudar de Diamantina para outra cidade, novamente, sentimentos topofílicos permearam as respostas: “*Diamantina me inspira*”, “*meu lugar é aqui*”, “*vou continuar aqui até morrer*”. Contudo, apesar das demonstrações de afetividade com a cidade, 40% dos entrevistados também

demonstraram interesse em, eventualmente, se mudar da cidade, sobretudo pela falta de oportunidades de estudo, trabalho e lazer.

Para os entrevistados, o barroco constitui elemento central da cultura mineira (85%), mas todos demonstraram insegurança para justificar a resposta. Alguns elementos da cultura mineira surgiram nos comentários de forma superficial, como as festas religiosas, tradições, patrimônio cultural, história, garimpo. Mas, a relação destes elementos com a cultura barroca ficou evidente apenas no âmbito dos bens construídos, de maneira que os entrevistados não conseguiram extrapolar a dimensão material do patrimônio, muito menos relacioná-lo ao entorno natural. 20% dos entrevistados não souberam responder à questão.

Grande parte dos entrevistados (72,5%) reconhece o patrimônio barroco como principal atrativo turístico da cidade. Outros atrativos turísticos evidenciados foram relevo, cachoeiras, gastronomia, Vesperata e os eventos em geral. Interessante notar, que mesmo de forma indireta, os elementos da paisagem natural foram citados, contudo não houve menção explícita à Serra do Espinhaço ou à Serra dos Cristais nem mesmo uma relação do patrimônio barroco com a história da mineração do diamante e com a riqueza mineral das serras de Diamantina, responsáveis pela conformação da paisagem cultural.

Já a visão sobre o turismo na cidade apresentou diferentes interpretações. Por um lado, alguns moradores ressaltaram que o turismo é *“bom”, “traz dinheiro”, “movimenta e valoriza a cidade”, “a cidade fica conhecida”, “é bacana ver que as pessoas de fora gostam da cidade da gente”, “permite conhecer pessoas novas”*. Ao mesmo tempo, foram freqüentes reclamações relacionadas ao aumento de preços, falta de planejamento e investimentos, *“ênfase no centro e pouca valorização da periferia”, “aumento do trânsito”* e a percepção de que *“quando há turistas, esquece-se dos moradores”*.

As festas mais lembradas pelas pessoas foram: Carnaval e Festas Religiosas, principalmente, Festa do Divino e Festa do Rosário. O Carnaval representa, atualmente, o principal evento da cidade, ao atrair inúmeros turistas, impactando positivamente a economia local, através da geração de empregos e incremento de renda para muitos moradores de Diamantina. Ao mesmo tempo, o Carnaval também provoca interferências negativas, como inflação dos preços, congestionamentos, aumento do tráfico de drogas.

Desta forma, a pesquisa apreendeu certa resistência dos entrevistados em relação ao Carnaval. O envolvimento dos moradores com o Carnaval está diretamente relacionado às oportunidades de trabalho e ganhos econômicos com a festa. A identificação cultural existe, de fato, em relação às festas religiosas, que motivam os habitantes de Diamantina a participar, seja na organização e preparação ou simplesmente no convívio social ao longo das atividades programadas. Apesar de não serem reconhecidas pelos entrevistados como elemento da cultura mineira, com significativos vínculos com o patrimônio barroco de Diamantina, as festas foram também relatadas como espaços de manifestação de fé. Além disso, o aspecto de intangibilidade destas festas religiosas, as músicas, as rezas, as procissões, representam uma forma de uso do sítio histórico, conferindo-lhe vitalidade.

### **Considerações finais**

A pesquisa demonstrou que a valorização do patrimônio barroco em Diamantina encontra-se diretamente associada à sua dimensão construída, com referências incipientes aos aspectos simbólicos. Da mesma forma, durante as entrevistas, o patrimônio não foi considerado determinante para o sentimento de toponímia dos residentes pela sua cidade. O conjunto histórico gera sentimentos contraditórios na população local já que, por um lado, percebe a valorização do patrimônio em razão da atração do fluxo de visitantes, mas, ao mesmo tempo, sente-se excluída de seu usufruto. Sobre este aspecto, a pesquisa aponta uma tendência de distanciamento dos moradores em relação ao patrimônio em função, não só, das restrições impostas pela legislação patrimonial, mas também pelas restrições de acesso ao centro histórico em função do uso turístico que lhe é destinado, como é o caso da Vesperata.

Outro aspecto central da pesquisa foi a constatação da pouca proximidade entre patrimônio natural e construído. Nenhum entrevistado mencionou a dimensão natural do patrimônio; este é um aspecto relevante e, talvez, paradoxal, ao apontar para a falta de vinculação entre os aspectos humanos e naturais do patrimônio, apesar da histórica vinculação do homem com a natureza nesta região diamantífera. Como já mencionado, o ambiente natural de Diamantina é marcado pela existência de diversas lavras em seu entorno, que justificaram sua colonização e ocupação territorial, inclusive financiando a construção do centro urbano, local onde se encontram a grande maioria das obras



barrocas. Sobre este assunto é curioso lembrar que, embora a candidatura de Diamantina à inscrição na lista do patrimônio mundial junto à UNESCO tenha valorizado o sítio urbano, o dossiê menciona a articulação da cidade com a Serra dos Cristais. O garimpo de diamantes é uma atividade tradicional desde 1729, ano oficial da descoberta dos diamantes pela Corte Portuguesa. Apesar de estar intrinsecamente associada a esta tradição, a população de diamantina parece não reconhecer os valores históricos e culturais desta atividade e, por conseqüência, não consegue estabelecer relação entre o diamante e o patrimônio barroco.

Dessa forma, parece fundamental o investimento em políticas públicas voltadas à valorização do patrimônio barroco de Diamantina, num sentido amplo. As dimensões natural e cultural, tangível e intangível do patrimônio barroco devem ser incorporadas a projetos na área de educação patrimonial, cultura e lazer, direcionados à comunidade local e aos turistas, com o objetivo de promover a aproximação/interação da população junto aos bens culturais, interferindo assim, em sua preservação e valorização.

Neste sentido, acredita-se que a forma como o diamantinense enxerga a memória de seu passado minerador pode ser crucial para a significação de sua paisagem e para a valorização de seu patrimônio barroco, afinal, um patrimônio perde grande parte de sua importância quando seu povo perde, igualmente, a capacidade em valorizá-lo.

### **Referências Bibliográficas**

ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M. M.; MACHADO, R. G. **Barroco mineiro glossário de arquitetura e ornamentação**. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Historicos e Culturais 1996.

BOTELHO, A. V.; REIS, L. M. **Dicionário histórico Brasil: Colônia e Império**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARSALADE, Flávio. **Itinerário dos Órgãos Estaduais de Preservação do Patrimônio Histórico: O Caso do IEPHA/MG**. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Urbanização Brasileira: Redescobertas**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2003, p. 207- 219.

CASTRO, H. M. & DEUS, J. A. S. **Um olhar etnográfico sobre paisagens culturais barrocas do hiterland brasileiro na(s) minas oitocentista(s)**. 12º Encontro de Geógrafos de América Latina – EGAL 2009.

CHAVES, Mário Luiz de Sá Carneiro. FILHO, Ítalo Meneghetti. **Conglomerado diamantífero Sopa, região de Diamantina, MG: Marco histórico da mineração do diamante no Brasil – SIGEP**. Ed. Carlos Schobbenhaus (et. al) DNPM-CPRM. Brasília, 2002. p.517 a 527.

CORREA, R. L. **A dimensão cultural do espaço: alguns temas**. Espaço e Cultura, v. 1, n. 1, 1995, p.1-21.

COSGROVE, D. E. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. Tradução de Olívia B. L. Silva. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.92-122.

FERREIRA, Luis Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. In: Revista Território/LAGET, UFRJ - Ano V, nº 9 (jul/dez.2000). Rio de Janeiro: 2000, p.65-83

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Barroco 16: Minas Gerais, monumentos históricos e artísticos, Circuito do Diamante**. Belo Horizonte: Coleção Mineiriana, 1995.

GOULART, Eugênio M. Andrade. **Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço**. Belo Horizonte: Coopmed, 2000.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista**. In: Revista Território. Ano IV, nº 7 (jul/dez.1999). Rio de Janeiro:UFRJ/LAGET, 1999, p.67-78.

LEMOS, C. B. **Diamantina e sua arquitetura nos contextos da formação do arraial e consolidação da vila: registros e manifestos de modernidade na paisagem cultural entre os séculos XVIII e XIX**. Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira. Cedeplar/UFMG, 2008.

PINTO, C. A. R. **Patrimônio Histórico, Identidade Cultural e Turismo: o Barroco Mineiro**. Monografia de Especialização. CET/UnB, 2006.

RAYEL, Renata S. **A pluralidade cultural na paisagem diamantina (MG): ações valorativas da comunidade ao uso turístico**. CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem Rio Claro (SP) – Vol.5 – n.1 – janeiro/junho/2010, GF-15 eISSN: 1980-654X.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. **Norma e Conflito: Aspectos da História de Minas no Século XVIII**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio-ambiente**. São Paulo: 1980.

**Paisagem cultural em diamantina, MG: um estudo sobre patrimônio e toponímia**

Lacerda, Mariana; Sancho, Altair; Pena, Rose; Deus, José Antônio

-----

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.